

**A nostalgia para George Steiner e Mark Fisher: Uma análise comparativa entre as obras
*Fantasma da Minha Vida e Nostalgia do Absoluto***

Luiz Eduardo Trajano Lins¹

Rickson Nathan Filgueira da Costa²

Resumo

Este artigo examina o conceito da nostalgia nas obras de George Steiner e Mark Fisher, abordando suas funções e impactos na sociedade contemporânea. Em *Nostalgia do Absoluto*, Steiner vê a nostalgia como resposta à perda de valores transcendentais, como a religião, que antes ofereciam sentido existencial. Ele argumenta que, com a queda dessas estruturas, surgem novas doutrinas, como o marxismo e o estruturalismo, que, porém, não preenchem o vazio deixado por absolutos passados. Em *Fantasma da Minha Vida*, Fisher descreve a nostalgia como um bloqueio à criação de novos futuros, promovendo uma reciclagem constante do passado que reforça e gera um “declínio da historicidade”. Esse ciclo repetitivo mantém a cultura estagnada, impedindo o surgimento de inovações artísticas, estéticas e políticas. O artigo conecta as perspectivas de Steiner e Fisher, propondo que a nostalgia se manifesta tanto como uma busca por sentido em uma sociedade sem bases duradouras quanto como um obstáculo à renovação cultural. Dessa forma, a nostalgia reflete uma sociedade aprisionada à necessidade de um absoluto, e o desejo por novos caminhos com impossibilidade de realizá-los.

Palavras-chave: Nostalgia; Vazio; Absoluto; Assombrologia; Futuro.

**Nostalgia for George Steiner and Mark Fisher: A Comparative Analysis of *Ghosts of My Life*
and *Nostalgia for the Absolute***

Abstract

This article examines the concept of nostalgia in the works of George Steiner and Mark Fisher, addressing its functions and impacts on contemporary society. In *Nostalgia for the Absolute*, Steiner views nostalgia as a response to the loss of transcendent values, such as religion, which once provided existential meaning. He argues that, with the collapse of these structures, new doctrines emerge, such as Marxism and structuralism, which, however, fail to fill the void left by past absolutes. In *Ghosts of My Life*, Fisher describes nostalgia as an obstacle to the creation of new futures, promoting a constant recycling of the past that reinforces and generates a “decline of historicity.” This repetitive cycle keeps culture stagnant, preventing the emergence of artistic, aesthetic, and political innovations. The article connects the perspectives of Steiner and Fisher, proposing that nostalgia manifests itself both as a search for meaning in a society without lasting foundations and as an obstacle to cultural renewal. Thus, nostalgia reflects a society trapped by the need for an absolute, and the desire for new paths that cannot be realized.

¹ Graduado em Ciência da Tecnologia pela UFRN. Licenciado em Filosofia e História pela UNOPAR. Mestrando em Ciências Sociais pela UFRN.

² Licenciado em Ciências Sociais pela UFRN. Mestrando em Ciências Sociais pela UFRN.

Keywords: Nostalgia; Void; Absolute; Hauntology; Future.

1. Introdução: Sobre A Nostalgia

Este artigo teórico-interpretativo tem como objetivo fazer uma relação entre o fenômeno da nostalgia abordado em duas obras: uma do crítico literário francês George Steiner e outra do filósofo britânico Mark Fisher. Steiner propõe refletir sobre o fenômeno em sua obra *Nostalgia do Absoluto* (1974), enquanto Fisher explora a nostalgia em sua obra intitulada *Fantasma da Minha Vida: Escritos sobre Depressão, Hauntologia e Futuros Perdidos* (2014), sendo essas as obras que serão analisadas.

Este trabalho possui três seções: uma dedicada a analisar George Steiner e sua obra; outra, a investigar Mark Fisher e sua produção; e, por fim, uma terceira, que aborda as sínteses e antíteses entre as obras, buscando conexões entre suas teorias sobre o fenômeno da nostalgia. O foco do estudo é investigar como a nostalgia é interpretada por ambos os autores, que escrevem em épocas distintas. Não há trabalhos anteriores que proponham essa análise comparativa, o que torna este artigo relevante para pesquisadores que trabalham com temas de memória, nostalgia e história.

Apesar de ambas as obras tratarem de questões nostálgicas, elas abordam o tema de formas distintas, introduzindo conceitos próprios que serão analisados neste texto para compreender suas ideias e teorias. Steiner trabalha com o conceito de *nostalgia do absoluto* (1974), abordando-o em função do declínio das religiões tradicionais no Ocidente, o que gera nos indivíduos uma melancolia e um vazio, que, por sua vez, produzem uma necessidade de busca incessante por uma nova razão de viver e acreditar. Steiner aponta o marxismo, a psicanálise freudiana e o estruturalismo como alguns dos “absolutos” buscados pelos indivíduos, ou seja, tentativas de substituir as crenças perdidas (STEINER, 1979, p. 10). Contudo, esse vazio nunca é completamente preenchido, o que gera mais melancolia e faz da nostalgia (necessidade de reviver o passado) um “absoluto” para a sociedade.

Mas o que seria tal conceito de absoluto? Ele não surge exatamente nesta obra, mas possui uma longa tradição no pensamento ocidental em formas tanto ontológicas e teológicas. Desde os pré-socráticos há a busca pelo princípio gerador e unificador da realidade, aquilo que explicasse todo o cosmos em um conceito, seria a *arché*, que para (Plato; 2023. p.599) no livro 6 da *República*

seria o sumo Bem. Na passagem da filosofia antiga para a medieval, o eixo muda de cosmológico para teológico, então esse elemento centralizador e gerador passa a ser o Deus cristão. Finalmente, na passagem para o período moderno e seu processo de secularização passa a ser a razão, cujo cume é o sistema hegeliano em sua ideia de Espírito que marcha tanto à sociedade perfeita quanto ao conhecimento perfeito - absoluto. Com a decadência da igreja medieval e a sociedade francesa revolucionária nos horrores de Robespierre e por fim o progresso tecnológico utilizado como dominação no período das duas grandes guerras, parecia que os absolutos que o ocidente criou para si não eram mais que ilusões, e a contemporaneidade seria, pois, os escombros do que (Strauss; 2022; p.3930) chamou de “gigantes de pés de barro”. E inicia-se, assim, a nostalgia dos tempos gloriosos, especialmente da sociedade grega e medieval.

Porém, a nostalgia não é característica exclusiva da contemporaneidade. Ela remete à queda de Adão e o paraíso perdido depois de se comer o fruto proibido em Gênesis 3:23, ou ao romantismo que lamenta a perda da inocência originária do mito do bom selvagem como há em (Rousseau; 1992;p.34), e por isso é comum tal fenômeno ocorrer nos âmbitos histórico, político, estético e religioso, e seriam neles que é possível o estudo de uma nostalgia caracteristicamente contemporânea. Será possível ver como a contemporaneidade é marcada por elementos teológicos secularizados e parciais, isto é, dentro de outras formas de narrativas seculares afastadas de sua raiz teológica, mas mantendo sua força persuasiva. Uma investigação desse tipo é variada, pois poderia ser feita em várias instituições e por múltiplas abordagens. Por exemplo, (Schmitt; 2009; p.37) identifica todas as categorias jurídicas contemporâneas como teologias incompletas. A título de ilustração, o conceito de liberdade tão importante para o liberalismo é, na verdade, uma versão secular e adaptada do conceito cristão de livre-arbítrio. Ou mesmo (Nietzsche; 2022; p.488) que, parafraseando criticamente Descartes, afirma que:

A filosofia moderna, como epistemologicamente cética, é secretamente ou abertamente anti-cristã, apesar (para os ouvidos afiados) não é de forma alguma anti-religiosa. Por efeito, alguém acredita em “alma” como acredita na gramática: alguém disse “Eu” é a condição, “penso” é predicado e condicionado.

Então, em que sentido Steiner e Fisher, então, analisaram essa nostalgia, em especial Steiner sobre a nostalgia quanto ao absoluto? Ficará claro que é em termos de um *ethos*, ou sentimento geral imbuído na contemporaneidade oriundo da queda do cristianismo, enquanto que em Fisher, embora a nostalgia também seja característica contemporânea, ela é fruto da decadência cultural do capitalismo tardio.

Mark Fisher trabalha um conceito um pouco diferente do de Steiner, mas ainda no campo da nostalgia como um fenômeno que afeta a sociedade. Fisher aborda o conceito de *hauntologia*³ (2014), ou *assombrologia* (2022) — é o que será utilizado nesse artigo, remetem à ideia de uma sociedade contemporânea estagnada em termos de produções culturais. Nesse sentido, a criação cultural se limita a *remasters* e *reworks*, ou seja, versões atualizadas de criações passadas, gerando um ciclo repetitivo na produção cultural. Fisher chama esse retorno do passado ao presente de “fantasmas” que assombram um futuro estagnado, impedindo a criação de novas tendências estéticas, culturais e ideológicas. Outro fator importante é que o contexto histórico que Fisher analisa a nostalgia é bastante diferente do de Steiner. Se este pensa a nostalgia como uma saudade oriunda do vazio que deixou a religião, para Fisher é no contexto da produção cultural do capitalismo tardio como ficará claro.

Apesar dos autores abordarem a nostalgia de maneiras diferentes, ambos não a veem como positiva ou feliz, mas sim como uma saudade problemática e até adoecedora. Outras obras também veem a nostalgia como um fenômeno problemático, como, por exemplo, a filóloga francesa Barbara Cassin em sua obra *Nostalgia: Quando, afinal, estamos em casa?* (2016), onde ela explora a nostalgia como um “não estar em casa” e um desejo de retorno a algo perdido ou distante. Cassin interpreta a nostalgia não apenas como saudade, mas como desenraizamento e não pertencimento. Outra autora que explora a nostalgia é Susan J. Matt, em *Homesickness: An American History* (2011), onde ela aborda a nostalgia no contexto americano, inicialmente como uma doença enfrentada por soldados e colonos. Ela entende a nostalgia como uma condição gerada pelo “novo sonho americano”, que implica romper com as raízes em busca de novas oportunidades. Com o tempo, isso gerou uma crise nacional que os americanos foram culturalmente incentivados a superar, considerando isso parte da “resiliência americana”, ideal que se fortalece com o avanço do capitalismo e o progresso econômico dos Estados Unidos.

Essa introdução já permite uma visão geral dos conceitos dos autores e de outras interpretações da nostalgia, um fenômeno que compõe o imaginário global. Existem inúmeras formas de pensar a produção acadêmica sobre esse fenômeno, especialmente devido à sua

³ Também chamado em algumas versões de *hantologia*, que do francês *hanter* (assombrar) e “ontologia”, é um conceito do filósofo francês Jacques Derrida, nascido em 1930, ele quem criou o termo *hantologia* para descrever o passado que assombra o presente, futuramente, Fisher utiliza esse termo nessa perspectiva analisada, de um “futuro perdido”, e uma sociedade com “declínio da historicidade”

relevância na era contemporânea. Agora, serão abordadas de forma mais aprofundada as ideias e a obra de George Steiner em *Nostalgia do Absoluto*.

2. George Steiner e a Nostalgia do Absoluto

George Steiner (1929-2020) foi um crítico literário nascido em Paris, França. Formou-se em Literatura pela Universidade de Chicago em 1950, fez mestrado em Harvard e doutorado em Oxford, e lecionou em instituições como Gênova, Oxford e Harvard. Foi membro do Churchill College por mais de 50 anos e autor de obras de extrema importância para diversos intelectuais. Uma das obras mais notáveis de Steiner é *Nostalgia do Absoluto* (1974), na qual ele examina como a nostalgia se tornou um fenômeno gerador de desânimo na sociedade contemporânea.

O livro de Steiner é resultado de cinco conferências radiofônicas transmitidas pela rádio canadense no outono de 1974, com o intuito de divulgar resultados de investigações em áreas de interesse, um projeto iniciado pela CBC⁴ em 1961. Essa coletânea permitiu a Steiner consolidar um trabalho final, intitulado *Nostalgia do Absoluto*. Steiner divide a obra em cinco capítulos e, para abordar teoricamente o fenômeno da nostalgia, este artigo foca no primeiro capítulo, "Os Messias Seculares", e no último, "Terá a Verdade um Futuro?". Esses capítulos tratam da teoria da nostalgia.

No primeiro capítulo, Steiner explora o surgimento das crenças substitutas após o declínio das religiões formais. Ele aponta que o início desse declínio se deu com o avanço do racionalismo científico na Renascença, e que se intensificou com o ceticismo da era Iluminista. É difícil, neste sentido, não fazer um paralelo com Max Weber que entende a diferenciação como fruto da racionalização, porém, Steiner não entende a nostalgia como fruto dela, mas apenas como vinda da decadência da religião cristã. Não é exatamente, para Steiner, um longo processo de racionalização que é expressado institucionalmente como instituições diferenciadas, mas um processo de decadência filosófica e cultural no ocidente. A contemporaneidade ocidental era dependente de algo que já não corresponde mais às suas necessidades: o cristianismo, sendo necessária a busca de novas alternativas e não a passividade nostálgica. A afinidade com Nietzsche é notável, visto que

⁴ As cinco conferências de George Steiner estão disponíveis online, no site da CBC:

<https://www.cbc.ca/radio/ideas/the-1974-cbc-blue-massey-lectures-nostalgia-for-the-absolute-1.2946821>

para este autor, deve-se superar o niilismo passivo oriundo da decadência cristã por meio da criação de novos valores - tal o papel do Super-Homem (Nietzsche; 2022; p.30).

Mesmo após o enfraquecimento das religiões tradicionais ocidentais, muitos continuaram frequentando as igrejas, mas sem a mesma convicção que antes predominava em suas vidas:

Para a grande maioria dos homens e mulheres pensantes — mesmo que continuassem a frequentar a igreja — as fontes de vida da teologia, de uma convicção doutrinária sistemática, haviam secado. Esta secagem, que afectava o próprio centro da moral e intelectualidade ocidentais, deixou atrás de si um enorme vazio. Onde existe um vácuo, manifestam-se novas energias e substitutos. (Steiner, 2003, p. 10)

Steiner compreende que, após a queda da religião tradicional, um vazio foi gerado nos indivíduos da sociedade. O crítico literário afirma que, em suas pesquisas, percebeu que aproximadamente 150 anos de história política e filosófica do Ocidente foram marcados por tentativas fracassadas de restabelecer um novo absoluto e suprir o vazio deixado pela ausência da religião, sendo essas tentativas, por vezes, conturbadas e violentas. O declínio das religiões tradicionais deixou uma lacuna de sentido no cotidiano, gerando desordem e questionamentos sobre os fundamentos da justiça social, o significado do que é o ser humano e a concepção de moralidade. Isso abre uma brecha para o surgimento das mitologias (Steiner; 2003; p. 10).

Nesse contexto, Steiner busca definir o que ele chama de "mitologia", considerando-a uma doutrina ou sistema de pensamento de natureza social, psicológica ou espiritual. Segundo ele, existem três características essenciais para que uma mitologia seja legitimada como tal. A primeira é a totalidade, ou seja, ela deve ser uma explicação completa para a condição humana e para o sentido da vida; Steiner afirma que ela deve constituir uma imagem completa do “homem no mundo” (Steiner; 2003; p. 11). Em segundo lugar, a mitologia deve ter uma construção histórica e profética, baseada em uma literatura canônica. Isso gera uma série de acontecimentos, como o surgimento de novas vertentes dentro dessa crença, o que pode ocasionar conflitos dentro do próprio cânon literário como é o caso do problema sinótico e a compilação da bíblia por São Jerônimo. Steiner enfatiza que os ortodoxos dessa mitologia odiarão muito mais os hereges do que os infiéis, pois temem os hereges dentro de seu movimento mais do que os infiéis externos (Steiner; 2003; p. 12). Por fim, a terceira característica essencial para que uma doutrina seja reconhecida como mitologia é a presença de uma linguagem própria, repleta de símbolos e imagens que representam o seu mundo por meio de rituais (Steiner, 2003, p. 12).

Esses são os elementos necessários para legitimar uma mitologia nos parâmetros de George Steiner. Ele observou essas características nas mitologias construídas no Ocidente no início do século XIX, as quais não eram apenas tentativas de preencher o vazio deixado pela religião tradicional, mas o que ele chamaria de “teologias substitutas” (Steiner, 2003, p. 12). Essas mitologias podem conter todos os requisitos mencionados para serem reconhecidas como tal, sem que necessariamente possuam um Deus, como é o caso, por exemplo, do marxismo:

Por outras palavras, ao considerarmos o marxismo, ao apreciarmos os diagnósticos freudianos ou jungianos da consciência psicológica, ao examinarmos todos estes sistemas como mitologias, verificamos que todos eles são totais, canonicamente organizados, imagens simbólicas do significado do homem e da realidade. Ao reflectirmos sobre eles, neles reconheceremos não apenas negações da religião tradicional (afinal, cada um deles está a dizer-nos: vejam, já não precisamos da velha igreja — fora com o dogma, fora com a teologia), mas também sistemas que, a cada ponto decisivo, mostram sinais de um passado teológico (Steiner. 2003, p. 13).

No caso específico do marxismo, ele é entendido também pelos pós-modernos como “Metanarrativas”, e a tentativa marxista de se cientificizar ao máximo como força argumentativa a fez desconsiderar aspectos místicos no pensamento dialético como salientou (Camarotti, 2021; p.43). E o elemento teleológico que dá à classe trabalhadora seu caráter messiânico consiste na antiga tentativa de trazer o paraíso à terra, sendo uma versão secularde um certo tipo de teologia cristã moderna. Esse telos humano de realizar o paraíso na terra foi levado à tradição dialética por Hegel de quem Marx é herdeiro direto como hegeliano de esquerda. Camarotti salienta que:

O ser humano se torna participante ativo em sua própria salvação, e esta tem lugar na formação do reino terreno de Deus, a sociedade inteligível, espiritual, universal. Este é, como argumentaremos, o princípio teológico da filosofia moderna da História universal. Essa visão se desdobrou, por exemplo, em Joaquim de Fiore, que concebeu a Santíssima Trindade como a própria estrutura da história humana: o período do Velho Testamento seria à Idade do Pai, o Novo Testamento (até o século XIII de Joaquim) corresponderia à Idade do Filho, e uma era por vir corresponderia à Idade do Espírito, onde a comunidade espiritual se realizaria entre os homens, independente da religião institucional, numa espécie de civilização monástica. Séculos depois, essa trindade evolucionária da experiência social se tornaria a divisão historiográfica (tornada senso comum) entres as Idades Antiga, Média e Moderna. (2021, p.270)

No caso de Steiner, ele evidencia, assim, dentro desses aspectos teleológicos, na verdade aspectos escatológicos e soteriológicos (2004, p.21). O primeiro, tratando-se do fim dos tempos, faz alusão ao inevitável fim do capitalismo onde jaz também o segundo elemento: o da luta política que trará o paraíso secular comunista. Esses componentes teleológicos fragmentados compõe para o autor uma “mitologia”:

Marxismo tem suas lendas, tem sua iconografia, que eu me refiro às fotos de Lenin, toda a história dele em milhões de contos, operas, filmes, até mesmo *ballet*. O marxismo tem seu vocabulário. O marxismo tem seus emblemas, seus gestos simbólicos, tal como toda fé religiosa e transcendente. Ela diz ao crente: eu quero de você total comprometimento. Eu quero de você total investimento de sua consciência e pessoa sob meu cuidado. (Steiner, 2004, p.20; tradução nossa)

Quanto a psicanálise, o autor compreende como uma ciência fundada analogicamente em mitos variados e sem caráter universal. Não só o centro do pensamento psicanalítico, isto é, o complexo de Édipo, é baseado na história grega, como também carrega em si o conteúdo do pecado original cristão, que seria o da castração e do ódio ao pai (Steiner, 2004, p.31), que cessa finalmente quando a vida cessa e retorna ao inorgânico por via da morte, o que seria, para (Steiner, 2004, p.32), uma espécie de soteriologia, um descanso eterno do sofrimento causado pelos impulsos. O autor conclui que a disputa da psicanálise com o sistema de Carl Jung, é, pois, a antiga disputa se há um reino transcendente ou se há a pura matéria, mas se mesmo Freud, aparentemente mais científico também é mitologia, acaba por ser uma questão de restaurar ou não os “Antigos Deuses” (Steiner, 2004, p.34). Tal debate é milenar e remete entre a transcendente Ideia platônica e a imanência da Subsistência em Aristóteles, depois entendida como problemática dos universais no medievo, e finalmente nas disputas entre idealismo/racionalismo e empirismo/materialismo na modernidade.

Quanto ao estruturalismo, que seria o terceiro exemplo usado pelo autor, a sua relação com o mito é muito mais explícita. Seguindo os passos de Giambattista Vico, que defendeu a centralidade do mito na compreensão de uma sociedade, para Strauss:

O mito é, de forma simples, um instrumento da sobrevivência do homem como uma espécie social e reflexiva. É através do mito que o homem dá sentido a um mundo que ele experiencia de forma coerente, mas que ele confronta, de forma irremediavelmente contraditória, sua presença estrangeira. O homem é jogado a contradições entre Ser e não Ser, homem e mulher, jovem e velho, luz e escuridão, comestível e tóxico, móvel e inerte. Ele não pode, diz Strauss, resolver esses formidáveis e implacáveis mistérios simplesmente de forma racional... Só o mito é capaz de articular essas antinomias, de achar explicações e ilustrações para a sua situação apartada da natureza (Steiner, 2004, p.38).

Strauss, assim, conclui que o mito expressa a gramática universal humana, fundada toda a partir do tabu do incesto, presente até mesmo no dualismo cerebral dividido em dois hemisférios (Steiner, 2004, p.40). Portanto, se o impulso prometeico de Marx consistia em emancipar a classe trabalhadora e o de Freud em elucidar a natureza humana, o de Strauss seria o do retorno ao mito como aspecto constitutivo de nossa natureza mais profunda, pois toda a articulação do pensamento humano e da cultura é explicar o apartamento humano da natureza (Steiner, 2004, p.41). O impulso do incesto presente em Édipo não seria, pois, como em Freud, a supressão da sexualidade infantil.

Edipo, na verdade, simboliza a dor do apartamento humano da natureza como ser cultural. É no incesto, assim, onde está mais presente esse apartamento, que surge a necessidade de criar categorias de parentesco, para organizar a consanguinidade onde jaz a nossa natureza biológica, é o ponto quiasmático entre natureza e cultura, e a zona limítrofe onde jaz o apartamento, onde há o comer da maçã de adão e a expulsão humana do Eden ao se perder a inocência (Steiner, 2004, p.42).

Steiner propõe pensar nesses mecanismos de mitologias para refletir diretamente na ideia inicial do texto, que é pensar em como o vazio afetou os indivíduos. Pensar na construção tão complexa de mitologias como uma forma de procurar suprir esse vazio é a prova de que a sociedade vive em uma profunda nostalgia de retornar para os pensamentos e crenças absolutas que antes a sociedade definia através das religiões tradicionais.

A parte teórica deste ensaio reside apenas no primeiro capítulo e também no último, intitulado como *Terá a verdade um futuro?* Onde Steiner propõe retomar as teorias propostas no início do livro, e pensar num possível embate da ciência como um fator responsável para o declínio completo da religião, Steiner faz uma alusão bíblica à passagem de João 8:32, onde afirma “Conheça a verdade, e a verdade vos libertará”, na qual ele defende a ideia de que o conhecimento é algo necessário, e que os seres humanos são “animais para fazer perguntas e para tentar obter respostas sem olhar ao custo” (Steiner, 2003, p. 77). Steiner conclui que acredita em um futuro, mesmo que siga buscando as respostas e arriscando a sobrevivência humana como ficará claro no final do parágrafo seguinte.

A obra de George Steiner apresenta a nostalgia do absoluto como um resultado da queda da religiosidade no ocidente, ele nos mostra os impactos dessa queda na vida contemporânea, na qual os indivíduos lutam incansavelmente para tentar trazer de volta um sentimento de confiança e estabilidade, é uma constante necessidade de criar formas de mitologias que possam controlar o caos e a incerteza, é uma busca interminável de certezas, que uma vez morreram junto das religiões tradicionais gerando aquele mal estar tratado fortemente na literatura russa do final do séc. XIX. A obra explora como a nostalgia é um sentimento coletivo, a necessidade de coletivos humanos para tentar preencher o vazio e cessar a melancolia deixada pela queda da teologia. Steiner enxerga que a única forma de superação desse vazio de absoluto, é primeiro, a aceitação e em seguida a abertura para compreender de forma mais autêntica e fluida os sentidos humanos. A cultura é capaz de gerar assim um novo tipo de sagrado presente na arte, na filosofia que, embora na incerteza da contingência, refletem continuamente e criticamente sobre a condição humana e nosso estar no mundo. Ela teria, assim, capacidade *per se* de superar o vazio deixado pela religião em novas

formas seculares. Embora elas jamais consigam a unidade absoluta, são capazes mesmo assim de dar um sentido às pessoas e a vida coletiva, bem como de gerar novos valores.

4. Mark Fisher: Fantasmas, ‘Assombrologia’ e Nostalgia

Mark Fisher (1968-2017) foi um teórico britânico, crítico cultural, blogueiro e professor. Nos anos 90, obteve seu PhD na Universidade de Warwick, na Inglaterra, onde fez parte do grupo de estudos culturais conhecido como *Cybernetic Culture Research Unit* (CCRU) — Unidade de Pesquisa de Cultura Cibernética. Em 2003, fundou o blog "k-punk"⁵, onde publicava suas reflexões e críticas sobre cultura, política, música e filosofia. Foi nesse blog que Fisher popularizou o conceito de assombrologia, além de outros conceitos que mais tarde seriam trabalhados em suas obras.

A obra *Fantasmas da Minha Vida: Escritos Sobre Depressão, Assombrologia e Futuros Perdidos*, publicada pela primeira vez em 2012, cinco anos antes de seu falecimento, é de extrema importância, pois consolidou Fisher como um teórico da cultura e difundiu o conceito de assombrologia⁶. Fisher divide a obra em cinco partes; para pensar sobre a nostalgia, utiliza-se o primeiro capítulo, intitulado “Futuros Perdidos”, por ser o único em que ele desenvolve suas teorias sobre nostalgia e assombrologia. No restante do texto, Fisher compartilha suas experiências culturais vividas dos anos 70 ao início dos anos 2000. Essa é sua obra mais pessoal e emotiva e, embora contenha muito conteúdo teórico, possui um caráter historicista que reflete amplamente os últimos anos de sua vida.

No início do capítulo, Fisher utiliza a série britânica *Sapphire and Steel*, dos gêneros ficção científica e horror, exibida do final dos anos 70 ao início dos 80, para ilustrar o conceito de assombrologia. Na série, os cenários não possuem ligação concreta com tempo e espaço, criando uma sensação de passado interrompido. Esse efeito é algo que Fisher usa para construir a assombrologia, um fenômeno que vê o passado como uma prisão e gera um conflito sobre o que se entende por "presente" (Fisher, 2024, p. 23-24).

Em relação à assombrologia, Fisher esclarece que existe um conflito historicista evidente na música pop, especialmente nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Ele afirma que tocar uma

⁵ O blog de Mark Fisher continua disponível ao domínio público, contendo seus conteúdos sobre cultura, música, filosofia e política: <http://k-punk.abstractdynamics.org/>

⁶ A versão na qual utilizamos para trabalhar esse livro, escolheu aderir o termo como “assombrologia”, contudo, outras versões desse livro e também de Jacques Derrida utilizam outros termos para se referir a esse conceito, como: espectrologia, assombrologia, rondologia, obsidiologia e no idioma francês original, a hantologie.

música de uma dessas décadas em qualquer outro momento, como tocar uma música dos anos 90 nos anos 70, faria com que ela soasse apenas como uma nova montagem de algo já existente, sem novidades. Ele usa o exemplo da banda Arctic Monkeys, que, embora seja do início dos anos 2000, tem uma sonoridade e estética que remetem aos anos 80. A partir disso, Fisher sugere que o futuro estaria, por sua vez, sendo cancelado.

Quando assisti pela primeira vez ao clipe de "*I bet you look good on the dancefloor*", do *Arctic Monkeys*, em 2005, acreditei genuinamente ser algum artefato perdido saído diretamente de 1980. Tudo no vídeo — a iluminação, os cortes de cabelo, as roupas — foi feito para dar a impressão de que aquela performance era no *The Old Grey Whistle Test*, o "programa de rock sério" da BBC2. (Fisher, 2024, p. 27)

Aos poucos, o tempo torna-se uniforme e difícil de distinguir. Fisher, então, desenvolve o conceito de assombrologia, um termo utilizado pelo filósofo franco-magrebino Jacques Derrida. No entanto, Fisher considerava Derrida um pensador frustrante (Fisher, 2024, p. 35), pois achava que Derrida não conceituava a assombrologia de forma clara, deixando a ideia em um nível excessivamente abstrato. Fisher decide, então, adotar o termo para definir a assombrologia como o retorno de “fantasmas inacabados” do passado que vêm assombrar o presente. Ele percebe essa influência fantasmagórica na música, na estética, no cinema e nas ideologias. O espectro que Fisher aborda possui um sentido nostálgico, refletindo o que ele interpreta como um luto fracassado — uma manifestação melancólica do que deveria ter sido deixado para trás (Fisher, 2024, p. 42-44).

Fisher entende a nostalgia contemporânea como uma tentativa de substituir o próprio futuro, gerando um ciclo de reciclagem contínua, sem a perspectiva de uma nova cultura autêntica. Ele chama esse fenômeno de “declínio da historicidade”. Esse declínio resulta, ainda, no que o autor denomina “desestranhamento musical” (Fisher, 2024, p. 48), um fenômeno do século XXI em que a indústria musical se baseia principalmente em criar versões tecnológicas de gêneros antigos, especialmente o *folk*, numa busca constante por reviver o passado. Fisher acredita que esse fenômeno é mais um efeito do capitalismo tardio, pois:

Ao longo do século XX, a cultura musical foi uma sonda que desempenhou um papel fundamental na preparação da população para um futuro que não era mais branco, masculino ou heterossexual, um futuro em que a renúncia de identidades, que eram em todo caso ficções pobres, seria um alívio abençoado. Em contraste, no século XXI — e a fusão do pop com os reality shows é absolutamente indicativa disso — a cultura musical popular foi reduzida a um espelho sustentado pela subjetividade do capitalismo tardio. (Fisher, 2024, p. 48-49)

Para Mark Fisher, a nostalgia se manifesta como um espectro — não material ou literal, mas no campo metafísico — que busca, por sua vez, assombrar e atordoar os indivíduos contemporâneos, impedindo-os de perceber e distinguir o tempo presente, neutralizando completamente os conceitos de passado e futuro. Esse espectro atua por meio da música, da estética, das ideologias e das filosofias, mascarando-se cada vez mais e impossibilitando, assim, a criação de novos futuros. Dessa forma, Fisher acredita que é necessário que a sociedade contemporânea encerre a reciclagem do passado, focando-se objetivamente na construção de novas tendências culturais.

5. Considerações finais: Assombrologia e Absoluto

Os dois autores trabalham a ideia da nostalgia a partir de perspectivas distintas. Esta parte do texto busca fazer uma ligação entre as duas obras, considerando as propostas teóricas de cada autor sobre a nostalgia e seus efeitos na sociedade contemporânea. Steiner, por exemplo, enfatiza o surgimento da nostalgia séculos atrás, com a queda das religiões tradicionais do Ocidente, e a vê como um sentimento constante e presente — uma busca incessante por um novo absoluto que possa preencher o vazio deixado pela religião. Fisher, por sua vez, analisa a nostalgia em um contexto mais contemporâneo, focando nos períodos contraculturais para entender como o desenvolvimento cultural daquela época poderia influenciar o futuro. Ele entende a nostalgia como uma espécie de prisão temporal da era contemporânea, onde as produções passadas e futuras frequentemente se tornam indistinguíveis, tornando impossível a criação de um futuro genuinamente autêntico. Steiner mostra, em sua obra, a perda de valores concretos que sustentavam o consciente coletivo no passado, enquanto Fisher observa como o presente é moldado pela nostalgia, o que impossibilita o surgimento de novos futuros.

Entretanto, a nostalgia para Steiner é mais fruto da decadência da religião e a fragmentação de seu arcabouço teológico em pequenas partes assimiladas em outras mitologias seculares, que se desprendem de seu fundamento divino, enquanto que Fisher entende como fruto da história do capitalismo tardio. Em nenhum dos autores há uma teoria da modernização, mas a descrição dos efeitos subsequentes dela a partir de pontos de vistas distintos, mas que não obstante são características da contemporaneidade como um todo. Do ponto de vista de Steiner a nostalgia, surgindo da decadência religiosa como meta instituição, está ligada à cosmovisão contemporânea, enquanto que Fisher a entende como a estagnação cultural do capitalismo tardio. Neste contexto,

isto é, aquele em que o capitalismo alcança domínio planetário e sem concorrentes como a antiga URSS, a nostalgia ocorre pois o capitalismo tardio não consegue oferecer uma autêntica alternativa de futuro e de mudança do *status quo*. O sistema, então, passa a articular temas e imagens de outras décadas mais verossímeis ou simples, gerando uma nostalgia de um futuro que nunca chegou, para assim se alimentar delas devido à inocuidade do capitalismo atual. Porém, isso gera uma sensação generalizada de estagnação e artificialidade dentro do realismo capitalista, isso é, da realidade total que o sistema projeta sobre o mundo e sua perspectiva passa a confundir-se como aquilo que é real de fato: “Me refiro a ‘realismo capitalista’: o sentimento generalizado de que não só o capitalismo é o único sistema político e econômico viável, mas de que é até mesmo impossível de imaginar uma alternativa coerente a ele. (Fisher, 2022, p.428). Assim sendo, a nostalgia capitalista não é uma cosmovisão, mas um mal estar originado do sistema econômico atual que colonizou toda a vida e esgotou a si mesmo culturalmente.

Contudo, ambos os autores concordam em alguns aspectos. Por exemplo, ambos consideram a nostalgia como um sentimento de privação: para Steiner, uma privação de um absoluto, e para Fisher, uma privação de um futuro. Eles também reconhecem a possibilidade de superar a nostalgia, compreendendo-a como uma resposta humana ao vazio e à incerteza. Steiner espera superar a nostalgia atual a partir da filosofia, da arte e da cultura. A primeira leva ao questionamento existencial e o pensamento crítico, levando a uma busca contínua por compreensão, embora diante da incerteza. A arte e a cultura, por sua vez, fornecem experiências estéticas, que transcendem o imediato e o mundano, pois capturam a profundidade do mundo e da condição humana. Esses três, assim, dariam um novo tipo de sagrado. Já Fisher espera fazer tal superação por uma forma diferente e cujas elucidações encontram-se também em outra obra: “Realismo Capitalista: Não há alternativa? (2009)”. Para o autor, deve-se eliminar a hegemonia, ou o realismo desse sistema, isto é, de que só há esse sistema possível, devendo-se para isso conectar as pessoas que buscam mudanças e o exercício de imaginação de futuros alternativos. A crítica à reciclagem cultural também seria importante para acarretar a mudança, bem como a eliminação da atitude passiva ao passado e ao capitalismo, para isso fazendo espaços de políticas do presente, de quebra da estagnação que surge da hegemonia capitalista.

Mas é possível analisar nas duas obras que a nostalgia aprisiona a sociedade ao vazio, à ausência de futuro, à falta de valores e à reciclagem cultural, à busca de sentido e às assombrações do passado, levando-a a um sentimento de mal estar, de artificialidade generalizada, que a joga a

uma atitude passiva e resignada. George Steiner e Mark Fisher compartilham a visão de que a nostalgia é uma questão problemática e que sua superação é necessária para a libertação da melancolia e do saudosismo estético e cultural da contemporaneidade. Apenas ao superar essas barreiras impostas pela nostalgia é possível construir um novo futuro e alcançar a liberdade de uma dependência do absoluto - para Steiner, ou do capitalismo - em Fisher, para a vida humana, onde ambos destacam para isso, a necessidade de se pensar alternativas, do pensamento crítico e da criatividade em diversos âmbitos da cultura: a literatura, a filosofia, a música. Seria quase a mesma solução, mas para problemas encarados como de origens diferentes.

5 Referências bibliográficas

- CASSIN, Barbara. **A nostalgia**: Quando, afinal, estamos em casa? Ulisses, Eneias, Arendt. [S. l.]: Quina Editora, 2024.
- CAMAROTTI, Lucas de Barros. **Hegel Místico**: o lado oculto do idealismo absoluto. Dissertação de doutorado em filosofia apresentada ao Programa de Doutorado Integrado em Filosofia UFPE/UFPB/UFRN. Tese publicada em 2021. Disponível em: <<https://www.repositorio.ufpe.br/handle/123456789/42759>>. Acessado em: 20.12.2024.
- FISHER, Mark. **Capitalist Realism: is there no alternative?**. UK: John Hunt Publishing Ltd, 2022.
- FISHER, Mark. **Fantasmas da minha vida**: Escritos Sobre Depressão, Assombrologia e Futuros Perdidos. [S. l.]: Autonomia Literária, 2024.
- MATT, Susan J. **Homesickness**: An American History. [S. l.]: OUP Us, 2011.
- STRAUSS, David. **The confessor and the writer**. in: NIETZSCHE, Friederich. The complete works of Nietzsche. Grapevine India, 2022.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Beyond Good and Evil**. Nn: NIETZSCHE, Friederich. The complete works of Nietzsche. Grapevine India, 2022.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Zarathustra's Speeches**. In: NIETZSCHE, Friederich. The complete works of Nietzsche. Grapevine India, 2022.
- PLATO. **The Republic**. In. PLATO. Complete works of Plato: A philosophy Masterclass. Original Thinkers Institute. Grapevine edition. Grapevine India, 2023.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discourses on the Origins of Inequality**. in: The Collected Writings of Rousseau. Hanover and London: University Press of New England, 1992.

STEINER, George. **Nostalgia do Absoluto**. [S. l.]: Relógio D'Água Editores, 2003.

TEIXEIRA, Hiago Alves. **Vozes ao abismo**:: os contornos de narrativas incoativas em *Amuleto* e *Monsieur Pain*. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Programa De Pós-Graduação em Estudos Da Linguagem, [S. l.], 2022.

STEINER, George. **Nostalgia for the Absolute**. CANada: House of Anansi Press Inc, 2004.

SCHMITT, Carl. **Teología Política**. Traducciones de Francisco Javier Conde y Jorge Navarro Pérez. Colección Estructuras y Procesos: Serie Derecho. Espanha - Madrid, Editorial Trotta, 2009.